

CRÓNICA DE ONOMÁSTICA PALEO-HISPÂNICA (25)

António Marques de Faria

RESUMO

As páginas que se seguem destinam-se preferencialmente a reivindicar a autoria de determinadas ideias, contrariando reiteradas tentativas, mais ou menos difusas, de as atribuir a outrem. De qualquer modo, ao darmos prioridade a uma “revisão micro-histórica” (Ballester, 2008, p. 197), tal não significa que a reinterpretação de novidades epigráficas entretanto publicadas tenha sido por nós negligenciada.

ABSTRACT

The following pages are intended primarily to claim the authorship of certain ideas, contrary to repeated, and more or less diffuse, attempts to attribute them to others. In any case, by giving priority to a “micro-histographic review” (Ballester, 2008, p. 197), this does not mean that the re-interpretation of epigraphic novelties published in recent years has been neglected by us.

aniTalsCaí. Lápide. *Tarraco* (Tarragona). *MLH* III 2 C.18.5.

Nota-se alguma negligência por parte de Simón (2013, p. 180, 2012–2014 [2016], p. 168) ao estatuir **an-i-TalsCaí** como segmentação para o presente NP em detrimento de **ani-Tals-Caí** (Faria, 2002a, p. 139, 2004a,

p. 294, 2008a [2009a], p. 299, 2010 [2011], p. 91, 2014, p. 168), uma vez que pelo menos *ani* e *tals* contam com testemunhos independentes na antroponímia ibérica, e.g., em **aniesCor/anieśCor** (K.1.3) (Faria, 2002a, p. 124) e em TAVTINDALS (TSall) (Schuchardt, 1909, p. 244; Gorrochategui, 1984, p. 276; Silgo, 1994, p. 126; Faria, 1998a, p. 236, 2002a, pp. 128, 135, 2003a, p. 215, 2004a, p. 300, 2006, p. 116, 2007a, p. 165), respectivamente. Moncunill (2016, p. 82) duvida de que **aniesCor/anieśCor** constitua um NP ibérico, mas este é um problema que não estamos em condições de resolver.

Vale a pena assinalar de novo (Faria, 2016, p. 164) que a individualização de um infixos *-i* em diversos NNP ibéricos (*MLH* III 1, p. 203; Simón, 2015, pp. 183, 184 e n. 17, 2012–2014 [2016], p. 168), agora admitida de maneira implícita por Velaza (2016, p. 358), não passa, em nosso entender, de mera ilusão (Faria, 1995a, p. 328, 1998a, p. 234, 1999, p. 154, 2000a, p. 126, 2001a, p. 98, 2003a, p. 216, 2004a, p. 295).

Tal como vimos recentemente (Faria, 2014, p. 168), o segmento *ani* poderá outrossim ter figurado no NL *Anitorgis* (*Liv.* 25.32) < **Aniturgi*, caso esta ortografia, mais ajustada à fonologia e à morfologia ibéricas, venha a ser epigraficamente corroborada em detrimento de *Amtorgis*, lição que tem merecido a preferência da grande maioria dos filólogos (Fernández-Guerra, 1879, pp. 36–37). Importa, todavia, atentar na eventualidade de *Amtorgis* constituir uma versão deturpada de *Isturgi* (Corzo, 1975, pp. 225–226) ou, com maior verosimilhança do ponto de vista paleográfico, de *Iliturgi* (Hoyos, 2001, p. 84). Por seu lado, Yelo (1977–1978, p. 160) encara *Amtorgis* como corruptela de *Ilorgis*.

Correa (2016, p. 196), que preceitua *Anitorgis* em alternativa a *Amtorgis*, omitiu a bibliografia atinente a toda esta problemática, esquecendo-se especificamente de nomear quem o precedeu na interpretação de *Amtorgis* (*Liv.* 25.32), não como variante manuscrita, mas como corruptela de *Anitorgis* < **Aniturgi*, um NL cujos dois componentes são passível de ser enquadrados na onomástica ibérica.

Há alguns anos, vimo-nos na necessidade de chamar a atenção para um triste episódio protagonizado por este autor (Correa, 2008, *passim*), que interpretámos como um infeliz incidente sem consequências de maior. Afinal, após a leitura da monografia que Correa acaba de consagrar à toponímia antiga da Andaluzia (Correa, 2016, *passim*), a inusitada conduta que tivemos o ensejo de criticar parece ter sido instituída como regra. Com efeito, abundam as interpretações pretensamente caracterizadas pela novidade, quan-

do, afinal, muitas delas já foram aventadas por outros investigadores. Aten-te-se, por exemplo, no caso dos>NNL (a nosso ver ibéricos) que exibem *tigi* como elemento final (Untermann, 1995, p. 742; Faria, 2003a, p. 211, 2007b, p. 217, 2008b [2009b], p. 81, 2009 [2010], p. 168, 2012, p. 95, 2014, p. 178), elemento este que Correa (2016, p. 126) dá a entender ter sido ele o primeiro a individualizar. Aliás, chega a ser assombroso que o capítulo intitulado “Notas lingüísticas”, correspondente a mais de 70 páginas (pp. 113–175), é praticamente omissa em referências bibliográficas alheias à produção do autor. Poderíamos multiplicar os exemplos de más práticas, mas um dos que mais nos chocou foi a tentativa ensaiada por Correa (2016, pp. 312, 427) no sentido de se fazer passar por autor da identificação do NL indígena *Sabe/*Sabe* (em alternativa a **Sabet*, **Sabeta* ou **Sabetum*) como origem do gentílico *Sabetanus* (Faria, 1998b, p. 258, 2003b, p. 326). Muito mais haveria (e haverá) a dizer da monografia em questão. De momento, limitamo-nos a chamar a atenção para a ausência de dois>NNL: ACIRGI (Hübner, 1899, p. 497; Faria, 2000a, p. 125, 2002a, p. 123, 2003b, p. 313, 2007a, p. 163), que Correa nem sequer tentou justificar, e VCCOR(*i?*) (EDCS-10200028), que Correa (2016, p. 515) só conhece através de dois testemunhos truncados (EDCS-08700318; EDCS-08700246).

Voltando a **aniTalsCaí**, é evidente que, ao invés do que se passa com *tals*, nenhuma documentação cauciona a caracterização de *talsco* como elemento onomástico ibérico (Faria, 1998a, p. 236, 2002a, pp. 128, 135, 2003a, p. 215, 2004a, p. 300, 2006, p. 116, 2007a, p. 165, 2010 [2011], p. 99), a despeito da opinião expressa neste sentido por Simón (2013, pp. 180, 222, 2012–2014 [2016], p. 168).

añcideibas. Bloco de pedra. Arredores de Ensérune (Nissan-lez-Ensérune, Hérault). Moncunill, Ferrer & Gorrochategui, 2016, pp. 269–270.

Atendendo ao facto de os autores da presente transliteração terem experimentado sérias dificuldades em encontrar paralelos para o segundo componente do NP a que aquela corresponde, deixamos aqui consignados os>NNP passíveis de o incluir: **abariécide** (Faria, 2002a, p. 128), **abarieicide** (Faria, 1990–1991, p. 82, 2002a, p. 128), **cideiboífs** (Faria, 2002a, p. 128), **CiTeTiToí** (Faria, 2002a, p. 128), **eiaírciTiTa[1]s** (Faria, 2002a, p. 128, 2003a, p. 215, 2004a, p. 306, 2006, p. 116) e **álcidei** (Faria, 1994a, p. 68, 2002a, p. 128).

Não descortinamos nenhum motivo passível de justificar a segmentação, alvitada por Ferrer (2016, p. 24), de **añcideibas** em **añ-cide-i-bas**.

as+bai. Lâmina de chumbo. Monteró (Camarasa, Lérida). Camañes & *alii*, 2010, p. 240.

Perfilhando a sugestão de Camañes & *alii*, trata-se, muito provavelmente, de um NP ibérico composto por **aste** e por **bai**.

Lamentavelmente, Sabaté (2016, p. 46 e n. 74) sonegou-nos por completo a autoria da identificação de *bai* como segmento onomástico ibérico (Faria, 1995a, pp. 323–324, 1997, p. 111, 1998a, p. 234, 2000b, p. 61, 2002a, pp. 125–126, 2003b, pp. 318, 326, 2007b, p. 215, 2011 [2012], p. 150).

astebeibas. Pendente de xisto. Can Gambús (Sabadell, Vallès Occidental, Barcelona). Artigues & *alii*, 2007 [2008], p. 244.

Trata-se, do nosso ponto de vista, de um NP ibérico trimembre, segmentável em **aste-bei-bas** (Faria, 2008b [2009b], p. 62, 2010 [2011], pp. 91–92, 2011 [2012], p. 150, 2015, p. 125).

O primeiro elemento pode ser localizado nos NNP **asTePei** (F.6.1), SIR[A] STEIVN < **sirasteiun*/**siʹasteiun* (E.R. Ter, 5; Faria, 1997, p. 110, 2000a, p. 123, 2002a, p. 129, 2004a, p. 309, 2005a, p. 274, 2007a, p. 173) e ASTEDVMA (Corell, 2005, pp. 52–53, n.º 11; Faria, 2005a, p. 274). Também é possível identificar *aste* no NP *Astaunar*, atestado na Idade Média, mais precisamente num documento datado de 945 (Becker, 2009, p. 65, n. 89). Quanto ao segmento final deste mesmo NP, poderá ser cotejado (mas não identificado) com o que figura em segunda posição no NP **ar̄tiunanef** (Campmajo & Ferrer, 2010, p. 261).

bei, o segundo segmento de **astebeibas**, é reconhecível não só no já citado **asTePei** (F.6.1), mas também em **auruniPei** (F.6.1) e em **uniPei** (F.9.5), a não ser que haja que completar estes NNP respectivamente como **asTePeiCe**, **auruniPeiCe** e **uniPeiCe** (Faria, 1997, p. 110, 2000a, p. 128, 2004a, pp. 303, 310). Também **ulTiPei** (Benages, 1990, pp. 42–43) deverá corroborar a existência de *bei*, caso este NP não esteja por **uldi(i)bei* (Faria, 1994a, pp. 70–71, 1995a, p. 327). *bas*, por sua vez, faz parte de **aiuPas** (ou **aiTuPas**) (CNH 308:31–32; Faria, 2000a, p. 125, 2000b, p. 63) — a menos que este consista num NP céltico (Faria, 2011 [2012], p. 168) — e de **añcideibas** (Moncunill, Ferrer & Gorrochategui, 2016, pp. 269–270).

Ao contrário do que insinua Sabaté (2016, p. 40), não é este o único caso em que o lexema ibérico *eban* sucede a um só NP — não havendo lugar, por

consequente, à fórmula NP + NP **eban**. Como *comparanda* para **astebeibas eban** podemos aduzir [I]eisbuř (Silgo, 1994, pp. 94, 197; Faria, 1995a, p. 327, 1997, p. 107, 2003b, p. 318, 2011 [2012], p. 148), **eban** (Solier, 1979, p. 65) e [–]rř eban (Solier, 1979, p. 68).

A propósito de **astebeibas**, cremos que valerá a pena elencar os NNP ibéricos trimembres que, até hoje, conseguimos documentar (Quadro 1).

Esta iniciativa justifica-se num momento em que, ao exibirem uma atitude que alia a leviandade à arrogância — não é apresentado qualquer argumento que sustente a afirmação produzida —, Moncunill, Ferrer & Gorrochategui (2016, p. 270) asseveram, ao invés da postura recentemente assumida pelo segundo autor — veja-se, por exemplo, Ferrer & Garcés, 2013, p. 110, a propósito de s]elgiberřaf (com transliteração errónea de uma das vibrantes) —, que “la existencia de antropónimos trimembres en ibérico es dudosa”.

Quadro 1 – Nomes pessoais ibéricos trimembres.

NNP	BIBLIOGRAFIA
1. abarCebiotar	Faria, 1994a, p. 67, 1995b, p. 80, 2000a, p. 121, 2004a, p. 301, 2005a, p. 285, 2010 [2011], p. 89
2. abargebořs	Faria, 2013, pp. 190–191
3. abařscutař	Faria, 1994a, p. 66, 1995b, p. 80, 1997, p. 106, 2007a, p. 165
4. abelgirdican	Faria, 1990–1991, p. 82, 1994a, p. 66, 1995b, p. 80, 1997, p. 106, 2000a, p. 122, 2003a, p. 215, 2004b, p. 180, 2006, p. 116, 2009 [2010], p. 157
5. abuloraun	Faria, 1992–1993, p. 278, 1993, pp. 157–158, 1994a, p. 68, 2000a, pp. 122–123, 2002a, pp. 121–122, 2003a, p. 215, 2004a, p. 302, 2006, p. 116
6. adintabeř	Faria, 2007a, pp. 162–163, 2015, p. 133
7. aiřTiCeřTun(Ci?)	Faria, 1990–1991, pp. 77, 82, 1991a, p. 188, 2000b, p. 62, 2002a, pp. 123, 124, 125, 130, 2004a, pp. 275–276, 2007a, p. 163, 2009 [2010], p. 158, 2010 [2011], p. 90, 2012, pp. 87–88

8. aiuniCarPir	Faria, 1997, p. 106, 2000a, p. 122, 2003a, p. 215, 2004a, p. 277, 2008b [2009b], pp. 58, 61, 2014, pp. 167–168
9. alaPulTun	Faria, 1990–1991, p. 82, 1992–1993, p. 278, 2000b, p. 62, 2004a, p. 302, 2006, p. 116, 2012, p. 89
10. aniTalsCaf	Faria, 2002a, p. 139, 2004a, p. 294, 2008a [2009a], p. 299, 2010 [2011], p. 91, 2014, p. 168
11. ańcideibas	Moncunill, Ferrer & Gorrochategui, 2016, pp. 269–270
12. ARANCISIS (gen.)	Faria, 2002b, p. 237, 2004a, p. 302, 2006, pp. 116, 117–118, 2010 [2011], p. 90, 2011 [2012], p. 149
13. afscotar	Faria, 1997, p. 106, 2002a, p. 135, 2003a, p. 215, 2006, p. 116, 2007a, p. 165
14. afstaildir	Faria, 2002a, p. 127, 2003a, p. 215, 2006, p. 116, 2015, p. 133
15. afťiunaneť	Campmajo & Ferrer, 2010, p. 261
16. astebeibas	Faria, 2008b [2009b], p. 62, 2010 [2011], pp. 91–92, 2011 [2012], p. 150, 2015, p. 125
17. aurunibei	Faria, 1997, p. 110, 2000a, p. 128, 2004a, pp. 303, 310
18. auruningi	Faria, 2002a, p. 123, 2007a, p. 163, 2008c [2009c], p. 147, 2010 [2011], p. 92
19. basibalcarYbar	Faria, 2006, p. 116
20. BASTOGAVNINI (dat.).	Faria, 2002b, p. 240, 2003a, p. 216, 2004a, p. 295, 2006, p. 116, 2010 [2011], p. 92
21. [B]ELSDINICOR	Faria, 1995b, p. 80, 1997, p. 106, 2000a, p. 122, 2003a, p. 215, 2004a, p. 296, 2006, p. 116
22. benebedaneť	Faria, 1991a, p. 190, 1994a, p. 67, 2003b, p. 317, 2010 [2011], p. 97, 2011 [2012], p. 152, 2014, p. 170
23. bešoťturin	Faria, 1999, p. 154, 2003a, p. 215, 2004a, p. 305, 2006, p. 116

24. betešcongili	Faria, 1995a, p. 326, 2002a, p. 134, 2006, p. 116, 2012, p. 95
25. betigibelsir	Faria, 1994a, p. 69, 2003b, p. 319, 2014, p. 170
26. bilosleistiger	Faria, 1994a, p. 67, 1995b, p. 80, 1997, p. 106, 2000a, p. 122, 2003a, p. 215, 2004a, p. 296, 2006, p. 116, 2013, p. 190
27. carestabicir	Faria, 1995b, p. 80, 2007a, p. 178, 2007b, p. 225, 2008b [2009b], p. 86, 2015, p. 133
28. CašsuriTu	Faria, 1990–1991, pp. 74, 81, 1991b, pp. 17–18, 1991b, p. 190, 1994a, p. 67, 1994b, pp. 42–43, n.º 112, 1994c, p. 123, 1995a, p. 326, 1995b, pp. 80, 81, 1996, p. 158, 1997, p. 106, 1998a, p. 236, 1998c, p. 249, 1998d, p. 230, 2000a, pp. 122, 130, 2001a, p. 99, 2001b, p. 209, 2002a, p. 127, 2002b, p. 240, 2003a, pp. 213, 215, 2005b, p. 167, 2006, p. 116, 2007b, p. 214
29. CoPešir	Faria, 1997, p. 107, 2000a, pp. 122–123, 2003a, p. 215, 2004a, p. 305, 2004b, pp. 180–181, 2006, p. 116, 2007a, p. 167, 2011 [2012], p. 163, 2012, p. 95
30. culedeceř	Faria, 2007b, p. 222, 2010 [2011], p. 94
31. culetaber	Faria, 2007b, p. 222, 2010, [2011], p. 95
32. culešurir	Faria, 2004a, p. 297, 2010 [2011], p. 94
33. eiařgiTiTa[1]s	Faria, 2002a, p. 128, 2003a, p. 215, 2004a, p. 306, 2006, p. 116
34. eiCesesPiur	Faria, 2002a, p. 128, 2003a, p. 215, 2004a, p. 306, 2006, p. 116
35. ELANDORIAN	Faria, 1991a, p. 190, 1994a, p. 67, 1995b, p. 82, 1998a, p. 234, 2004a, p. 306, 2006, p. 116
36. GESELADEN / GESELANDEN	Faria, 1995b, pp. 80, 81–82, 1997, p. 106, 2000a, pp. 123, 131, 2003a, p. 215, 2004a, p. 306, 2006, p. 116, 2008c [2009c], pp. 149–150, 2015, p. 136
37. GVRTAANBASIS(gen.) < *Gurtarnobaš	Gorrochategui, 1995 [1997], pp. 223, 224

38. ilefeutinir	Faria, 2004b, pp. 182–183
39. isPeTarTiCef	Faria, 2008b [2009b], p. 66, 2014, p. 179, 2015, p. 131
40. IVRCIRADIN	Faria, 2003b, p. 316, 2004b, p. 180, 2011 [2012], p. 163
41. LESVRIDANTARIS (gen.)	Faria, 1995b, p. 80, 1997, p. 106, 2000a, p. 122, 2003a, p. 215, 2004a, p. 308, 2006, p. 116
42. LVNT[I]BELSAR	Faria, 1997, p. 108, 2003a, p. 215, 2003b, p. 321, 2006, p. 116
43. neselTuCu	Faria, 1991a, p. 190, 1991b, pp. 16, 17–18, 1993, p. 157, 1994a, p. 67, 1994b, pp. 49–50, n.º 261, 1995a, p. 324, 1995b, pp. 80, 83–84, 1996, p. 166, 1997, pp. 106, 111, 1998a, p. 238, 2000a, pp. 123, 137, 2000b, p. 65, 2001b, pp. 207, 209, 2002a, pp. 133, 135, 2003a, p. 215, 2004a, p. 288, 2006, p. 117, 2007b, p. 216, 2012, p. 99, 2013, pp. 194–195
44. QLSAILACOS	Faria, 1995b, p. 80, 2003a, p. 215, 2006, p. 116, 2007a, pp. 175–176
45. orCeiCelaur	Faria, 1991a, pp. 189–190, 1994a, p. 65, 1999, p. 155, 2000a, p. 140, 2004a, pp. 288, 289, 2012, p. 91, 2014, p. 176
46. oreTaunin	Faria, 2002a, p. 127, 2005b, p. 168, 2007a, p. 172, 2007b, pp. 224–225, 2013, p. 195, 2014, p. 176
47. ořdinbereder	Faria, 2007b, pp. 211, 225, 2010 [2011], p. 98
48. oroicařtoř	Faria, 1990–1991, p. 87, 2004a, p. 308, 2006, p. 118, 2007a, p. 176
49. PalCiTaCoPir	Faria, 2015, p. 133
50. ParTilTun	Faria, 1997, p. 107, 2002a, p. 124, 2003a, p. 215, 2006, p. 116
51. PařTiPilos	Faria, 1990–1991, pp. 76, 78, 84, 1991a, p. 190, 1994a, p. 67, 1995a, p. 324, 1998a, p. 236, 2004a, p. 304, 2006, p. 118, 2007a, p. 174, 2008c [2009c], p. 148, 2012, p. 92

52. PiurTilaur	Faria, 1997, pp. 106, 107, 2000a, p. 122, 2003a, p. 215, 2006, p. 116
53. selgeśaferé	Ferrer & Escrivà, 2013, p. 467; Faria, 2014, p. 178
54. s]elgiberśaí	Faria, 1999, p. 156, 2003a, p. 215, 2003b, p. 318, 2004a, p. 299, 2006, p. 117, 2010 [2011], p. 101, 2014, p. 170
55. selgisosincas	Faria, 1991a, pp. 190, 192, 2002a, p. 128, 2006, p. 117
56. siceicanśaí	Faria, 2007a, p. 177, 2010 [2011], p. 98
57. SIR[A]STEIVN	Faria, 1997, p. 110, 2000a, p. 123, 2002a, p. 129, 2004a, p. 309, 2004b, p. 183, 2005a, p. 274, 2007a, p. 173, 2011 [2012], pp. 150–151, 2015, p. 136
58. soíseidercetai	Faria, 2007a, p. 166, 2009 [2010], pp. 168–169, 2010 [2011], p. 98
59. śaliunibaś	Faria, 2002b, p. 239, 2003a, p. 215, 2004a, p. 309, 2006, p. 116
60. talscubilos	Faria, 2002a, pp. 128, 135, 2003a, p. 215, 2006, p. 117
61. tarbelior	Faria, 1994a, p. 67, 1997, p. 106, 2000a, p. 122, 2003a, p. 215, 2006, p. 116, 2008b [2009b], p. 64, 2010 [2011], p. 99
62. taftabiegi	Faria, 2007a, p. 178, 2007b, p. 225, 2011 [2012], p. 175
63. tasberium	Faria, 2002a, p. 125, 2003a, p. 215, 2006, p. 116, 2010 [2011], p. 99, 2014, p. 170
64. THVRSCANDO	Faria, 1997, p. 106, 2000a, p. 123, 2003a, p. 215, 2004a, p. 310, 2006, p. 117, 2010 [2011], p. 98, 2012, p. 95
65. uralaścar	Faria, 2010 [2011], p. 100
66. uśtalafilun	Faria, 1994a, p. 68, 1997, p. 106, 2000a, p. 123, 2003a, p. 215, 2004a, p. 311, 2006, p. 117

É provável que os progressos no estudo da morfologia nominal ibérica venham a ditar a inclusão de alguns destes 66 NNP entre os bitemáticos, havendo ainda a possibilidade de uns poucos nem sequer corresponderem a

NNP, mas sempre sobrarão os suficientes para comprovar a existência de trimembres. Por conseguinte, em vez de, qual dogma lançado *ex cathedra*, terem manifestado **dúvidas** genéricas e abstractas sobre a existência de NNP ibéricos trimembres, constituía obrigação ética e científica da parte de Moncunill, Ferrer & Gorrochategui concretizarem tais reservas, demonstrando que nenhum dos lexemas aqui aduzidos se enquadra em tal categoria.

Tal como era de rezear, tão-pouco o manual de Moncunill & Velaza (2016, *passim*) contém qualquer alusão à existência de NNP ibéricos trimembres.

bersíf. Pendente de xisto. Can Gambús (Sabadell, Vallès Occidental, Barcelona). Artigues & *alii*, 2007 [2008], p. 243.

Sabaté (2016, p. 40, n. 32) fez-se passar por pioneiro na comparação deste NP com **bersíf** (G.7.2), mas tal reivindicação é completamente ilegítima (Faria, 2008b [2009b], p. 65, 2010 [2011], p. 93).

Como se tal não bastasse, Sabaté (2016, p. 40, n. 32) encobriu o facto de **bersíf** (G.7.2) ter sido por nós identificado como NP ibérico (Faria, 1990–1991, pp. 77, 79, 1991a, pp. 190, 194–195, 1994a, pp. 67, 69, 1995a, p. 326, 1995b, p. 80, 2001a, p. 99, 2002a, p. 125, 2007b, p. 212).

BETATVN. Cipo de calcário. Arredores de Fuerte del Rey (Jaén). Corzo & *alii*, 2007 [2008], *passim*.

Desqualificando a exegese que formulámos (Faria, 2008b [2009b], pp. 66–67) a respeito do presente ND — e que, evidentemente, mantemos nos precisos termos em que foi enunciada —, Luján (*ad HEP* 16 446) decretou o seguinte:

Nuestro desconocimiento de la teonimia ibérica es prácticamente absoluto y no puede asumirse sin más que los procedimientos de formación de los nombres personales ibéricos sean extrapolables al ámbito de la teonimia.

Recentemente (Luján & López, 2016, p. 255), Luján voltou atrás na sua decisão, reconhecendo afinal que:

[...] ignoramos casi todo acerca de la teonimia ibérica, pero a juzgar por los dos únicos teónimos ibéricos conocidos, el *Betatun* de una inscripción de Fuerte del Rey en la provincia de Jaén (Corzo *et al.* 2007, con corrección de lectura de la inscripción

de Orduña 2009) y el *Salaeco* (*śalaiko) de una inscripción latina procedente de Mina Mercurio en Portmán, en Cartagena, Murcia (Velaza 2015), parece que los elementos empleados en la teonimia ibérica pueden ser los mismos que los de la antroponimia.

Aguardamos com expectativa o próximo passo a dar por Luján sobre este mesmo assunto. Não constituirá para nós qualquer estranheza que, na tentativa de disfarçar a incoerência, Luján retome (erradamente) a posição inicial, imputando a responsabilidade pela mais recente declaração à preclara coautora do (infausto) artigo.

biurtif. Cerâmica de verniz negro de Roses. Necrópole de Can Rodon de l’Hort (Cabrera de Mar, Barcelona). Ferrer, 2013, p. 126; G. Sinner & Ferrer, 2016, pp. 201, 204, 215.

Ferrer postula uma segmentação de **biurtif** em **biurti-(a)ř**, identificando, por conseguinte, um NP — *Biurti* — acompanhado do sufixo ibérico de “genitivo” *-(a)ř*.

Se, à luz dos paralelos que parecem existir em determinados NNL ibéricos gravados em moedas, designadamente em **śaiTi-ř** (Ferrer, 2012, p. 33; *contra*, Faria, 2007a, pp. 178–179), uma tal teoria não pode ser liminarmente rejeitada, cremos ser lícito admitir, em alternativa, que **biurtif** conforma um NP completo, a segmentar em **biur-tif** ou em **biur-ti-(i)ř**, neste último caso em analogia com diversos NNP cujo morfema final é — ou pode ser — *-iř*: **abelif** (Faria, 1990–1991, p. 82, 1994a, p. 66, 2004a, p. 302), **betigibelsif** (Faria, 1994a, p. 69, 2003b, p. 319, 2014, p. 170), **bersif** (Faria, 2010 [2011], p. 93), **berśif** (Faria, 1990–1991, pp. 77, 79, 1991a, pp. 190, 194–195, 1994a, pp. 67, 69, 1995a, p. 326, 1995b, p. 80, 2001a, p. 99, 2002a, p. 125, 2007b, p. 212, 2008b [2009b], p. 65, 2010 [2011], p. 93), **caresif** (Faria, 1990–1991, p. 86, 1991a, p. 190, 1994a, pp. 67, 70, 1995a, p. 326, 1997, p. 107, 2001a, p. 99, 2002a, p. 128, 2004a, p. 285, 2007b, p. 214, 2008c [2009c], p. 148), **culesurif** (Faria, 2004a, p. 297, 2010 [2011], p. 94) e **leisif** (Faria, 1993, pp. 153, 157, 1995a, p. 326, 1997, p. 109, 2000a, p. 124, 2001a, p. 99, 2004a, p. 298, 2007b, p. 214, 2008c [2009c], p. 151).

Caresé. Placa de bronze. *Contrebia Belaisca* (Cabezo de las Minas de Botorrita, Zaragoza). *MLH* IV K.1.3.

Moncunill (2016, p. 82) atribui a Untermann (1994–1995 [1997]) a interpretação de **Caresé** (com M final celtibérico correspondente a ib. S) como NP ibérico. Trata-se, porém, de uma atribuição abusiva (Faria, 1997, p. 107),

já que tal NP nem sequer foi mencionado por Untermann naquele artigo, dedicado integralmente à antroponímia ibérica presente em K.1.3. De resto, Untermann (1996, p. 140) interpreta **Caresé** como um provável NP celta de tema em *-t-*.

Caresi[ř]. Inscrição rupestre. Gruta de La Camareta (Hellín, Albacete). Pérez Rojas, 1993, pp. 164–165; Faria, 1997, p. 107.

Muito do que, sobre este NP, escrevem Luján & López (2016, p. 253) releva da mais sórdida desfaçatez; sobram naturalmente os dislates, que não irão merecer a nossa atenção.

Se a má-fé ressuma por todo o artigo, o cúmulo da indignidade exibida por ambos os investigadores consiste na atribuição a Rodríguez (2014) da primazia na identificação dos dois segmentos onomásticos em presença, estando Luján & López (2016) plenamente cientes de que a prioridade é nossa (Faria, 1990–1991, p. 86, 1991, p. 190, 1992, p. 195, 1994a, pp. 67, 70, 1995a, p. 326, 1997, p. 107, 1998e, p. 271, 2001a, pp. 96, 99, 2002a, p. 128, 2004a, p. 285, 2007b, pp. 212, 214, 2008c [2009c], p. 148), bem como de Pérez Vilatela (1992, p. 355), tal como não deixámos reconhecer em tempo oportuno (Faria, 2008c [2009c], pp. 148–149).

Como é bem sabido (Faria, 2004a, p. 284), Rodríguez “descobriu” que *Cares* era elemento antroponímico ibérico entre 1995 e 2004, um facto que foi naturalmente ocultado por Luján & López (2016, p. 253).

Na mesma linha de conduta, Luján & López não se pronunciaram a propósito do (que julgávamos ser um) “despiste” historiográfico sofrido por Correa (2008, *passim*) quando abordou esta e outras inscrições em semi-silábico do SE.

CASCANT(*um*). Moedas (semisses). *Cascantum* (Cascante, Navarra). *APRH* 426.

Prósper (2012–2014 [2016]) redigiu um estudo monográfico respeitante ao presente NL, no qual decidiu ignorar as linhas que havíamos consagrado ao mesmo pouco tempo antes (Faria, 2011 [2012], p. 162). A despeito da argumentação aduzida por Prósper (2012–2014 [2016], *passim*) no sentido de sustentar uma ascendência indo-europeia e especificamente céltica para **Caścanta*, a verdade é que não nos parece razoável excluir por completo

uma filiação ibérica para o dito NL, sobretudo se identificarmos a base deste último com o membro inicial do NP **CaśCanCeTin** (H.7.1) (Faria, 1995a, p. 327, 2004a, p. 305, 2011 [2012], p. 162). Não obstante, tal como avançamos noutra oportunidade (Faria, 2011 [2012], p. 162), **CaśCan** poderia filiar-se remotamente num segmento/vocábulo de origem céltica, pelo que **CaśCan-CeTin** poderia ser entendido como híbrido, a exemplo de dezenas de outros NNP ibéricos em cuja composição entraram lexemas pertencentes àquele idioma (Faria, 2008b [2009b], p. 77).

CoPeśíř. Inscrição rupestre. Gruta de La Camareta (Agramón, Hellín, Albacete). Pérez Rojas, 1993, pp. 164–165; Faria, 1997, p. 107.

Muito do que, sobre este NP, escrevem Luján & López (2016, p. 253) releva da mais insólita desfaçatez; sobram naturalmente os dislates, que não vão merecer a nossa atenção.

Se a má-fé ressuma por todo o artigo, o cúmulo da indignidade patenteada por ambos os investigadores consiste na atribuição a Rodríguez (2014) da primazia na identificação dos dois (ou três) segmentos onomásticos em presença, estando Luján & López (2016) plenamente cientes de que a prioridade é nossa (Faria, 1997, p. 107, 2000a, pp. 122–123, 2003a, p. 215, 2004a, p. 305, 2004b, pp. 180–181, 2006, p. 116, 2007a, p. 167, 2008b [2009b], pp. 72–73, 2012, p. 95).

Na mesma linha de conduta, Luján & López não se pronunciaram a propósito do (que julgávamos ser um) “despiste” historiográfico sofrido por Correa (2008, *passim*) quando abordou esta e outras inscrições em semi-silábico do SE.

culedecef. Tigela de cerâmica cinzenta. Llinars (Barcelona). *MLH* III 2 C.25.5.

Trata-se de um NP segmentável em **cul-ede-cef** (Faria, 2007b, p. 222, 2010 [2011], p. 94), e não em **Cule-TeCef**, como pretende Sabaté (2016, p. 38, n. 16).

deitatar. Fundo de jarro de cerâmica. La Cabañeta (El Burgo de Ebro, Saragoça). Díaz & Mínguez, 2009.

Sabaté (2016, p. 60) incorre no mesmo erro em que, escorados exclusivamente na invocação de TEITABAS (TContr), caíram os *editores principes* ao

recusarem interpretar o grafito em apreço como estando gravado no sistema dual (Faria, 2009 [2010], p. 161, 2014, pp. 171–172). É fácil verificar que a argumentação aduzida pelos mesmos noutra local está longe de ser a mais convincente: “da la impresión (*sic*) de que el grafito de La Cabañeta no está realizado con escritura dual” (Mínguez & Díaz, 2011, p. 61).

dešailaur. Pendente de xisto. Can Gambús (Sabadell, Vallès Occidental, Barcelona). Artigues & *alii*, 2007 [2008], p. 244.

Não deixa de ser surpreendente que Sabaté (2016, p. 40), ao analisar o NP **dešailaur**, dividindo-o em **de-šai(r)-laur** (outras decomposições pelo menos tão plausíveis como esta foram esquecidas por completo), tenha eludido o facto de não estarem até hoje inquestionavelmente documentados nomes próprios ibéricos iniciados por dental sonora (Michelena, 1957/1995, p. 112; Quintanilla, 1998, pp. 38, 271–272; Ballester, 2001 [2002], p. 27). Tratar-se-á de um NP híbrido iniciado pelo radical celta *dexs-/dess-* (Albertos, 1966, pp. 105–106; Delamarre, *DLG*, p. 143, 2007, p. 219; Prósper, 2005, p. 244 e n. 255, 2008a, p. 163; Faria, 2008b [2009b], p. 89, 2010 [2011], p. 95)?

Ελερυαζ. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Lejeune, Pouilloux & Solier, 1988, p. 53.

Moncunill (2016, p. 82) atribui a Lejeune, Pouilloux & Solier (1988) a lição Ελερυαζ, bem como a identificação deste NP como ibérico. Trata-se, porém, de uma atribuição indevida (Faria, 1994a, p. 69, 1998a, p. 234, 2000a, p. 131, 2000b, p. 63, 2001a, pp. 99–100, 2003b, p. 323, 2004a, p. 292, 2006, p. 118, 2007a, p. 170, 2011 [2012], p. 166).

Γολο[v]βυρ. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Lejeune, Pouilloux & Solier, 1988, p. 53.

Moncunill (2016, p. 82) transcreve erradamente o NP ibérico em questão, esquecendo-se de restituir a nasal com que termina o primeiro formante: trata-se, com toda a probabilidade, de Γολο[v]βυρ (Faria, 1991a, p. 192, 1994b, p. 45, n.º 175, 1995b, p. 82, 1998a, p. 239, 2000a, pp. 131, 132, 2001a, pp. 99–100, 2001b, p. 209, 2004a, p. 286, 2004b, p. 185, 2007b, p. 215, 2010 [2011], p. 96), e não de Γολοβυρ, tendo este mesmo erro de leitura já sido cometido por Gorrochategui [1995 [1997], p. 187) e Velaza (2003 [2004], p. 180).

iaíPer. Estela de arenito. Caspe (Saragoça). *MLH* III 2 E.13.1.

Não é de agora que o presente NP tem vindo a ser segmentado em **iaí-****iPer** (Pérez Rojas, 1983, p. 279; Faria, 1990–1991, pp. 77, 80, 85, 87, 1992–1993, p. 278, 1993, p. 154, 2000a, p. 132, 2002a, pp. 128, 134, 2004a, p. 309, 2007a, p. 163, 2008b [2009b], p. 77, 2014, p. 174; Pérez Vilatela, 1993, p. 40).

Será, pois, por simples ignorância que Sabaté (2016, p. 47 e n. 86) só tomou conhecimento da existência do formante onomástico *iber* a partir de 2013.

leitigeur. Vaso de cerâmica ática (verniz negro). La Illeta dels Banyets (Campello, Alicante). López, 2010, p. 280.

Pouco temos a acrescentar ao que, acerca do presente NP, escrevemos há alguns anos (Faria, 2011 [2012], p. 171).

Resta-nos, com base na segmentação, então alvitrada (Faria, 2011 [2012], p. 171), de **leitigeur** em **lei-tige-ur**, fornecer aqui, uma vez mais, os diversos *comparanda* — alguns deles discutíveis — para **lei**, que é indubitavelmente o segmento com que o mesmo se inicia: **leibiur** (Faria, 2004b, pp. 183–184, 2008b [2009b], p. 79, 2010 [2011], p. 97), **LEIHAR** (Faria, 1993, p. 153, 1994a, p. 67, 1995b, p. 83, 2004b, p. 184, 2008c [2009c], p. 153), **leiscer** (Faria, 2004b, p. 184), **leisir** (Faria, 1993, pp. 153, 157, 1995a, p. 326, 1997, p. 109, 2000a, p. 124, 2001a, p. 99, 2004a, p. 298, 2007a, p. 173, 2007b, p. 214) e **leitaś** (Faria, 2008b [2009b], p. 79).

Tal como para López (2010, p. 280), também para Sabaté (2016, pp. 60–61) **lei** e **leis** constituem um só elemento onomástico. Talvez um dia, quando a língua ibérica deixar de ser o enigma que ainda hoje persiste em ser, venha a provar-se que assim é; por enquanto, os indícios que vamos conhecendo persuadem-nos a tomar uma atitude mais prudente: **lei** e **leis** devem ser considerados segmentos distintos (Faria, 2004b, p. 184).

lueiCaf[?]. *Graccurreis* (Eras de San Martín, Alfaro, La Rioja). Hernández & Núñez, 1989, *passim*.

O seu a seu dono: diversamente da informação veiculada por Martínez & Jordán (2016, p. 275), cabe a Velaza (1995, p. 211), e não a Ballester (2008, pp. 200–201), a prioridade no relacionamento de **lueiCaf**[?] com [-]EIHAR, o patronímico do *Salluiensis* [C?]ASSIVS.

Pela nossa parte, ainda no que concerne ao patrónimo em causa, através da observação da foto a cores da *tabula Contrebiensis* disponibilizada como página desdobrável no final da monografia de Fatás (1980), preferimos agora seguir a lição L̄EIHAR, já equacionada por este mesmo investigador (Fatás, 1980, p. 95), em detrimento de [L]EIHAR (Faria, 1993, p. 153, 1994a, p. 67, 1995b, p. 83, 2008c [2009c], p. 153).

Lamentavelmente, num momento de rara desorientação, Velaza (2012, p. 77) não hesitou em ler o presente NP como SEIHAR, atribuindo-o, para ainda maior espanto nosso, ao Bronze de Áscoli.

Creemos, que, a despeito das similitudes acima assinaladas, podemos obter resultados mais consistentes se procurarmos a filiação do NP a individualizar em **lueiCař[?]** na onomástica céltica. Refira-se que já Hernández & Núñez (1989, pp. 212–213) se inclinaram para uma inserção de **lueiCař(os?)* na antroponímia indo-europeia/celtibérica, ainda que os paralelos por eles aduzidos pecassem por falta de solidez.

Assumindo que estamos perante um grafito e um NP completos (Ballester, 2008, pp. 200, 201), uma primeira hipótese de interpretação consiste em identificá-lo com o presumível ginecónimo céltico **Lubica* — mediante a banal passagem de /ubi/ a /uwi/ e posterior supressão da semivogal (asimilada à vogal precedente /u/) (Delamarre, 2009, p. 357; v. Faria, 1995a, p. 325, 1995b, p. 81, para a evolução /ube/ > /uwe/ > /ue/) — seguido do sufixo ibérico de “genitivo” *-(a)ř*. A existência de um tal NP depreende-se do cotejo com o pseudogentílico LVBICIO (dat.) (EDCS-04203808) e com o ND MATRONIS LVBICIS (dat.) (EDCS-01200058), ambos de verosímil filiação céltica (Delamarre, *DLG*, p. 209, 2007, p. 120). A oscilação gráfica **-ei/-i-**, por diversas vezes documentada em textos ibéricos (Faria, 1993, p. 156; Quintanilla, 1998, pp. 140–143), depõe a favor desta nossa hipótese.

Como ligeira variante à exegese acima ensaiada, cumpre-nos encarar a eventualidade de o ginecónimo céltico subjacente a **lueiCař** corresponder a **Louica* (Delamarre, 2007, p. 225) ou a **Loueca*, considerando a atestação de **Tueisu** (K.1.3) < **dowedyo-* e de DVITIQ(*um*) < **dowito-* / **dowityo-* / **dowetyo-* (Prósper, 2008b, p. 65, 2016, p. 171). Recorde-se que o radical céltico *doui-* (Vallejo, 2005, pp. 308–309) faz igualmente parte dos NNP **TuiTuiPoren** (Faria, 2009 [2010], p. 167, 2011 [2012], p. 174, 2013, p. 130), **TuiTuPolai** (Faria, 2009 [2010], p. 167, 2011 [2012], p. 155) e **TueiTiceilTun** (Faria, 1991a, pp. 189–190, 1993, p. 151, 1994a, p. 65, 1998a, p. 237, 2000b, p. 62, 2002a, p. 130, 2004a, p. 283, 2008b [2009b], p. 57), devendo este último constituir um híbrido (céltico e ibérico). Partindo do princípio de que

**Loueca* é o NP a identificar, vale a pena referir que, tal como a celtibérica, também a documentação ibérica exhibe uma variação gráfica <ei>/<e> (Faria, 1993, p. 156; Quintanilla, 1998, pp. 138–139).

Finalmente, ainda no âmbito de uma provável pertença do NP aqui lematizado à onomástica céltica, não podemos deixar de chamar a atenção para as semelhanças que o mesmo guarda com LVECALTVS (EDCS-12800728), nome de um devoto da deusa *Sibulca*, cultuada em *Bonna* (Bona).

Creemos que qualquer destas tentativas de explicação sobreleva largamente em consistência o entendimento de **lueiCaí** como um caso de cacografia/dislexia diagnosticado por Vallejo (2016, p. 118), ao postular um primitivo composto **leuk + kaí**.

Ναλβε[-]v. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigeac, Aude). Lejeune, Pouilloux & Solier, 1988, p. 53.

Moncunill (2016, p. 82) atribui a Lejeune, Pouilloux & Solier (1988) a lição Ναλβεαδιν. Trata-se, porém, de uma transliteração errada, que os investigadores franceses, aliás, não subscrevem — são dois, e não três, os caracteres ilegíveis (Faria, 2004b, p. 185, 2010 [2011], p. 97). Não, pode, por conseguinte, ser excluída a eventualidade de estarmos perante o NP *Ναλβεβιν (Lejeune, Pouilloux & Solier, 1988, p. 54), se bem que outras hipóteses possam ser colocadas no tocante à identificação do componente final, forçosamente tríltero.

Tudo indica que Moncunill se baseou na leitura aventada por outros autores (Gorrochategui, 1995 [1997], p. 187, 2009, p. 60; Velaza, 2003 [2004], p. 180) — Ναλβε[αδιν] (e não Ναλβε[αδεν]: Faria, 2004b, p. 185) —, leitura esta que, como acabámos de ver, carece de toda e qualquer verosimilhança (Faria, 2004b, p. 185).

Dados os antecedentes ora relatados, não será motivo de surpresa a circunstância de Moncunill & Velaza (2016, p. 7) veicularem o mesmo erro de leitura. Não podemos deixar de lamentar que, almejando o referido opúsculo constituir um manual de introdução ao estudo do ibero, grande parte do público-alvo a que aquele se destina não dispõe dos conhecimentos suficientes para questionar aquilo que, não o sendo, é apresentado como fidedigno.

Outro dislate que o dito manual, enquanto tal, só vem amplificar consiste em registar o *cognomen* feminino SERGETON (Moncunill & Velaza, 2016, p. 24) no lugar de SERGIETON; trata-se de um erro completamente

inadmissível, tantas foram as vezes em que o mesmo foi corrigido nos últimos anos (Faria, 2003a, p. 216, 2005a, p. 277, 2011 [2012], p. 166, 2014, p. 178, 2015, p. 136).

[N]ααρυαϛ. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Lejeune, Pouilloux & Solier, 1988, p. 53.

Moncunill (2016, p. 82) outorga a Lejeune, Pouilloux & Solier (1988) a lição [N]ααρυαϛ, conferindo igualmente aos mesmos autores a primazia na interpretação deste NP como ibérico. Esta última atribuição é, no entanto, completamente abusiva (Faria, 1991b, p. 18, 1994a, p. 69, 1998d, p. 229, 2000a, p. 131, 2001a, pp. 99–100, 2002a, p. 129, 2004a, p. 292, 2010 [2011], p. 100, 2011 [2012], p. 166).

rucabedi. Marcas sobre *dolia. Ruscino* (Château-Roussillon, Perpilhão). *MLH II B.8.20*; Ferrer, 2008 [2009], pp. 88–90.

Depois de Velaza (2016, p. 345) referir, a propósito de Gorrochategui (2015, *passim*), que “[e]l trabajo propone una nueva lectura de la estampilla B.8.20”, não podemos deixar de colocar a seguinte questão: que utilidade deve ser reconhecida a muita da informação disponibilizada nas treze *chronicae epigraphicae Ibericae* até hoje publicadas? Em face da omissão deliberada de todos os trabalhos em que fomos advogando a dita transliteração (Faria, 2009 [2010], pp. 166–167, 2013, pp. 200–201, 2014, p. 177, 2015, pp. 129, Quadro 1, 136), a nossa resposta só pode ser uma: tais crónicas, que, artificialmente, são apresentadas pelo seu autor como exaustivas (com exclusão das inscrições ibéricas que vêm a lume na, pelos vistos, irrepreensível revista *Palaeohispanica*), servem, afinal, para muito pouco. Lamentavelmente, o caso de silenciamento bibliográfico aqui trazido à colação é somente um de entre os muitos que Velaza vem protagonizando.

A circunstância, infelizmente expectável, de Velaza não aceitar a nossa transliteração configura um problema que só ele poderá resolver. Não obstante, fica aqui o nosso modesto contributo para que o conceituado epigrafista reconsidere a sua posição:

Dissentindo da intransigência demonstrada por Velaza, não vislumbramos quaisquer hipóteses de se transformar **O**, o grafema inicial, em **P** — seguindo o citado autor, nesta primeira opção, o parecer de Ferrer (2008 [2009], pp. 88–90) — ou mesmo em **Q**, afigurando-se ainda menos exequível

encarar um claríssimo **Λ** como alógrafo de **Ϙ**. Estamos perante dois exercícios de contorcionismo hermenêutico levados ao extremo, que consideramos muito preocupantes dado o prestígio de que Ferrer e Velaza justamente gozam entre os estudiosos da epigrafia ibérica. Não menos inquietante é o facto de **biurbedi**, a transliteração prescrita por Ferrer, figurar sem qualquer reserva no manual de Moncunill & Velaza (2016, p. 20), porquanto grande parte do público-alvo a que tal brochura se destina não dispõe dos conhecimentos suficientes para questionar aquilo que, não o sendo, é apresentado como fidedigno.

Resulta da transliteração por nós proposta que **rucabedi** pertence à antroponímia céltica, o que não deve surpreender, dado o contexto geográfico em que o NP em questão se documenta. Assim, ao contrário do que pretende Sabaté (2016, p. 52), não houve qualquer obrigação da nossa parte em identificar no referido NP, de cuja celticidade não duvidamos, uma matriz linguística não-ibérica.

silaponyi. *Libisosa* (Lezuza, Albacete). Sabaté, 2016, p. 56 e fig. 14.

Onde Sabaté lê **silagon+i**, preferimos ler **silaponyi**, decorrendo desta transliteração que fazemos corresponder o valor do fonograma meridional **Ϙ** ao que representa **Ϙ** (e variantes) no semi-silabário levantino.

Do nosso ponto de vista, há que individualizar um NP céltico, *Silabon*, composto por *sil-* (Delamarre, *DLG*, p. 273, 2007, p. 232; Matasović, 2009, p. 336) e por *abon-* (Delamarre, *DLG*, pp. 29–30, 2007, p. 209; Matasović, 2009, pp. 23–24). Na eventualidade de a nasal corresponder ao sufixo de “genitivo” *-en*, o NP a identificar seria *Silabo* < **Silabu*, sem alterações no plano semântico relativamente a *Silabon*.

Ao arrepio da perspectiva que temos defendido ao longo de vários anos, também **apultun** (Faria, 1992–1993, p. 278, 1994a, pp. 66, 68, 2000b, p. 62, 2011 [2012], p. 148) e **alapulTun** (Faria, 1990–1991, p. 82, 1992–1993, p. 278, 2000b, p. 62, 2004a, p. 302, 2006, p. 116, 2012, p. 89) constituem NNP passíveis de incluir o morfema céltico *abu-/abon-* na respectiva composição.

Além de ocorrer no presente texto na quarta posição, **F** comparece em diversas inscrições do SE, assumindo invariavelmente o valor fonémico /a/ (Faria, 2011 [2012], p. 169). A esta mesma conclusão chegou Correa (2011, p. 110, n. 33), que, no entanto, persiste em abrir uma excepção relativamente ao valor a atribuir a **F** na legenda monetária **ϘΓϘϘϘϘ**. Para este inves-

tigador, na citada legenda, o signo **F** não pode ser transliterado senão por <Ca> (Correa, 2016, pp. 333–334). Talvez um dia, Correa partilhe com os seus leitores os fundamentos que suportam a sua convicção. Até lá, por todos os motivos que fomos aduzindo ao longo de mais de duas décadas (Faria, 1991a, p. 192, 1991b, p. 16, 1995b, p. 82, 1997, p. 108, 2001a, pp. 100–101, 2003a, pp. 220–222, 2003b, p. 324, 2004b, p. 180, 2005b, p. 169, 2007a, pp. 171–172, 2007b, p. 217, 2008b [2009b], pp. 77–78, 2009 [2010], p. 165, 2011 [2012], p. 169), não poderemos conceder grande crédito a este ou a quaisquer outros palpitantes, sejam quais forem os autores dos mesmos.

siCara. Moedas. **Śigara*/**Śigarra* (Prats del Rey, Anoia, Barcelona). Guerrero, 1993, *passim*; Faria, 1997, p. 110.

Já há vários anos que vimos identificando em diversos NNL ibéricos, entre os quais **siCara**, um sufixo (-a), que, pela especificidade na sua aplicação, temos vindo a qualificar como toponímico. Aqui fica um elenco dos referidos NNL, cujas segmentações, firmadas em ponderosos *comparanda*, nunca foram, até hoje, devidamente questionadas (Quadro 2):

NNL	BIBLIOGRAFIA
* <i>Betarra</i> / * <i>Baitarra</i>	Faria, 2008 [2009], p. 66
EGARA	Faria, 2000a, p. 132, 2003b, p. 314, 2008b [2009b], p. 66, 2015, p. 137
eToCiśa	Faria, 2002b, p. 234, 2005a, p. 277, 2015, p. 137
euśTiPaiCula	Faria, 2005a, p. 278, 2015, p. 137
ilTicira	Faria, 1995b, p. 82, 2000a, p. 132, 2001a, pp. 100–101, 2004b, p. 180, 2005a, p. 277, 2008b [2009b], p. 66, 2015, p. 137
ilTira	Rébé, De Hoz & Orduña, 2012, p. 228; Orduña, 2014, p. 72
Λάσιρα (* <i>Lasira</i>) / * <i>Lessera</i> < * <i>Lesira</i>	Faria, 2000a, p. 132, 2003b, p. 314, 2004a, p. 283, 2005a, p. 277, 2008b [2009b], p. 66, 2015, p. 137
LATTARA	Faria, 2015, p. 137
* <i>Otobeśa</i>	Faria, 1995a, pp. 327, 328, 2000a, pp. 126, 132, 2003b, pp. 314, 326, 2005a, pp. 277, 278, 2008b [2009b], pp. 66, 87, 2013, p. 203, 2015, p. 137

Persa	Faria, 2005a, p. 278, 2008b [2009b], p. 66, 2010 [2011], p. 93, 2015, p. 137
síCara	Faria, 1997, p. 110, 2004b, p. 186, 2008b [2009b], pp. 66, 87, 2012, p. 90, 2013, p. 203, 2015, p. 137

Quadro 2 – NNL ibéricos finalizados pelo sufixo *-a*.

Não será, seguramente, tarefa fácil proceder à identificação dos casos (além de **síCara**) em que tal sufixo poderá ser assimilado ao determinante de absolutivo (“nominativo”) (paleo)basco *-a* (Faria, 2000a, p. 132, 2001a, p. 98).

É expectável que, mais tarde ou mais cedo, esta nossa tese seja contestada mediante a exibição de provas que contrariem a sua fiabilidade. Em contrapartida, e de modo surpreendente, deparámo-nos há pouco tempo com o seguinte depoimento acerca do mesmo assunto (Moncunill, Ferrer & Gorrochategui, 2016, p. 266):

El morfo *-a* también ha sido propuesto como formante característico de topónimos por Faria (2008, 87), aunque ninguno de los casos indicados presenta una segmentación especialmente clara: **bersa** [*sic*], EGARA, **sigafa**, etc.

Sem nos alongarmos em comentários, bastar-nos-á assinalar que estamos na presença de uma declaração que, ao alicerçar-se, de um modo que alia a arrogância à leviandade, em coisa nenhuma — não são sugeridas quaisquer alternativas credíveis às segmentações, por nós preconizadas, dos onze NNL supramencionados —, é destituída de qualquer validade científica, tal como, de resto, as asserções exaradas noutras ocasiões a propósito do mesmo assunto por um dos três autores citados (Ferrer & *alii*, 2012, p. 41; Ferrer, 2016, p. 20).

Também Sabaté (2016, p. 45), sem invocar qualquer argumento, duvida de que *-a* corresponda a um sufixo toponímico.

ToloCu. Placa de bronze. *Contrebia Belaisca* (Cabezo de las Minas de Botorrita, Zaragoza). *MLH* IV K.1.3.

Moncunill (2016, pp. 82, 91) atribui exclusivamente a Untermann (1994–1995 [1997]) a interpretação de **ToloCu** como NP ibérico, esquecendo-se de que ao mesmo NP, referenciado em duas inscrições latinas, já tinha sido outorgada pelo autor destas linhas aquela ascendência linguística (Faria,

1995b, p. 83, 1997, p. 111). *A fortiori*, é absolutamente inadmissível que Sabaté (2016, p. 41) confira a Campmajo & Ferrer (2010, p. 260) a prioridade numa tal interpretação.

VLLO. Marca de oleiro de *terra sigillata* hispânica. *Tritium*/Tricio (La Rioja) / El Burgo de Osma (Soria). Simón, 2016, p. 109 e nn. 120, 122.

Simón (2016, p. 108) inclui VLLO entre os “nombres personales que carecen de paralelos en los *corpora* onomásticos al uso”. Acreditamos, no entanto, que Simón peca por excessiva prudência nesta sua afirmação. Senão, vejamos:

Admitindo que a matriz linguística de VLLO seria o celta, do nosso ponto de vista, nada obsta a que, como *comparanda* para o NP em apreço, sejam convocados os segmentos iniciais de VLOHOXIS (Gorrochategui, 1984, p. 286, n.º 376) e de VLVCIRRIS (gen.) (Gorrochategui, 1984, p. 286, n.º 378; Faria, 2011 [2012], p. 163), além do NF VLOQ(*um*) (EDCS-05601377; Prósper, 2016, p. 111, n. 94) < *Ulos, que Curchin (2002, p. 201) faz derivar do indo-europeu *pulo-.

Em alternativa, haverá que considerar VLLO a latinização do NP de tema em *-n ulTu*, documentado em K.1.3 (Untermann, 1996, p. 164), que leva sobre os *comparanda* supracitados, de procedência céltica, a vantagem de explicar a geminação da lateral na versão latinizada. Nesta conformidade, ao NP em questão deveria ser atribuída uma filiação linguística ibérica, em prejuízo da sua integração na onomástica céltica, uma hipótese que Untermann (1996, p. 140) não deixou de equacionar.

De qualquer modo, nada obsta a que VLOHOXIS e, sobretudo, VLVCIRRIS (dat.), atestem uma simplificação gráfica de <LL>; semelhante fenómeno, a confirmar-se, permitiria reequacionar a atribuição linguística de ambos os NNP. Não será despidendo recordar que o segundo componente de VLVCIRRIS (dat.) conta com diversos testemunhos na onomástica ibérica (Faria, 2011 [2012], p 163).

[-]isePele[ś]. Pedestal de calcário cinzento. Montaña Frontera/Sagunto (Valência). *MLH* III 2 F.11.7.

Nota-se alguma negligência por parte de Sabaté (2016, p. 39) ao estatuir para]isePele[ś a transliteração [-]i+ePele+++ , descurando, por outro lado, [u]isePele[ś] como possível restituição do NP em apreço (Faria, 2014, p.

181), a par de **[Pa]isePele[ś]** (*MLH* III 2, p. 410) e de **[su]isePele[ś]** (Rodríguez, 2002 [2003], p. 268) — esta, atenta a *ordinatio* observada pelo lapicida, bem menos plausível do que as duas primeiras.

[-]urPoCon. Pedestal de mármore branco. Montaña Frontera (Sagunto, Valência). *MLH* III 2 F.11.30.

Não é certo que **[Pi]ur** constitua a única hipótese de restituição do primeiro membro deste NP (Sabaté, 2016, p. 39), podendo o mesmo corresponder alternativamente a **[a]ur** (Faria, 2013, p. 205, 2014, p. 182), segmento constante de diversos NNP, alguns dos quais coligidos por Untermann (*MLH* III 1, p. 213).

BIBLIOGRAFIA CITADA

ALBERTOS FIRMAT, María Lourdes (1966) – *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*. Salamanca: Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Universidad.

APRH = RIPOLLÈS ALEGRE, Pere Pau (2010) – *Las acuñaciones provinciales romanas de Hispania*. Madrid: Real Academia de la Historia.

ARTIGUES I CONESA, Pere Lluís; CODINA I REINA, Dolors; MONCUNILL MARTÍ, Noemí; VELAZA FRÍAS, Javier (2007) [2008] – Un colgante ibérico hallado en Can Gambús. *Palaeohispanica*. 7, pp. 239–250.

BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2001) [2002] – La adfinitas de las lenguas aquitana e ibérica. *Palaeohispanica*. 1, pp. 21–33.

BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2008) – Las inscripciones arqueoibéricas sobre cerámica de La Rioja: una revisión de detalle. *Kakakorikos*. 13, pp. 195–212.

BECKER, Lidia (2009) – *Hispano-romanisches Namenbuch: Untersuchung der Personennamen vorrömischer, griechischer und lateinisch-romanischer Etymologie auf der Iberischen Halbinsel im Mittelalter (6.–12. Jahrhundert)*. Tübingen: Niemeyer.

BENAGES I OLIVÉ, Jaume (1990) – Escritura ibérica sobre plom. *Butlletí Arqueològic*. Època V. 12, pp. 41–47.

CAMAÑES VILLAGRASA, María Pilar; MONCUNILL MARTÍ, Noemí; PADRÓS GÓMEZ, Carles; PRINCIPAL I PONCE, Jordi; VELAZA FRÍAS, Javier (2010) – Un nuevo plomo ibérico escrito de Monteró 1. *Palaeohispanica*. 10, pp. 233–247.

CAMPMAJO, Pierre; FERRER I JANÉ, Joan (2010) – Le nouveau corpus d’inscriptions ibériques rupestres de la Cerdagne (1): premiers résultats. *Palaeohispanica*. 10, pp. 249–274.

CNH = VILLARONGA I GARRIGA, Leandre (1994) – *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A.

CORELL VICENT, Josep (2005) – *Inscripcions romanes del País Valencià, II. 1. L'Alt Palància, Edeba, Lesera i els seus territoris. 2. Els mil·liaris del País Valencià*. València: Universitat.

CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2008) – Crónica epigráfica del Sudeste I. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 8, pp. 281–293.

CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2011) – La leyenda indígena de las monedas de *Salaia* y el grafito de Abul (Alcácer do Sal). In CARDOSO, João Luís; ALMAGRO GORBEA, Martín, eds. – Lucius Cornelius Bocchus *escritor lusitano da Idade de Prata da literatura latina. Colóquio Internacional de Tróia*. Lisboa: Academia Portuguesa da História; Madrid: Real Academia de la Historia, pp. 103–112.

CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2016) – *Toponimia antigua de Andalucía*. Sevilla: Universidad.

CORZO SÁNCHEZ, Ramón (1975) – La segunda guerra púnica en la Bética. *Habis*. 7, pp. 213–240.

CURCHIN, Leonard (2002) – /p/ indoeuropeo en celtibérico: nuevos ejemplos. *Habis*. 33, pp. 199–201.

DELAMARRE, Xavier (2007) – *Nomina celtica antiqua selecta inscriptionum: (noms de personnes celtiques dans l'épigraphie classique)*. Paris: Errance.

DELAMARRE, Xavier (2009) – Iria (*Iryā) «l'opulente, la fertile» (Ligurie, Galice, Dalmatie). *Veleia*. 26, pp. 355–358.

DÍAZ ARIÑO, Borja; MÍNGUEZ MORALES, José Antonio (2009) – Un nuevo grafito ibérico procedente del yacimiento de La Cabañeta (El Burgo de Ebro, Zaragoza). *Palaeohispanica*. 9, pp. 435–450.

DLG = DELAMARRE, Xavier (2003²) – *Dictionnaire de la langue gauloise: une approche linguistique du vieux-celtique continental. 2^e édition revue et augmentée*. (2001¹). Paris: Errance.

EDCS = *Epigraphik-Datenbank Clauss / Slaby* < http://db.edcs.eu/epigr/epi_de.php >.

E.R.Ter. = NAVARRO CABALLERO, Milagros (1994) – *La epigrafía romana de Teruel*. Teruel: Instituto de Estudios Turolenses; Zaragoza: Departamento de Ciencias de la Antigüedad, Arqueología; Pessac: Centre Pierre Paris, Université Michel de Montaigne, Bordeaux III.

FARIA, António Marques de (1990–1991) – Antropónimos em inscrições hispánicas meridionais. *Portugalia*. Nova série. 11–12, pp. 73–88.

FARIA, António Marques de (1991a) – [Recensão de] UNTERMANN, J. – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990. *Conimbriga*. 30, pp. 187–197.

FARIA, António Marques de (1991b) – Epigrafia monetária meridional. *Conimbriga*. 30, pp. 13–22.

FARIA, António Marques de (1992) – [Recensão de] VELAZA, Javier – *Léxico de inscripciones ibéricas: 1976–1989*. Barcelona, 1991, 204 p. *Conimbriga*. 31, pp. 191–195.

FARIA, António Marques de (1992–1993) – Notas a algumas inscrições ibéricas recentemente publicadas. *Portugalia*. Nova série. 13–14, pp. 277–279.

FARIA, António Marques de (1993) – A propósito do V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica. *Penélope*. 12, pp. 145–161.

FARIA, António Marques de (1994a) – Subsídios para o estudo da antroponímia ibérica. *Vipasca*. 3, pp. 65–71.

FARIA, António Marques de (1994b) – Nomes de magistrados em moedas hispânicas. *Portugalia*. Nova série. 15, pp. 33–60.

FARIA, António Marques de (1994c) – [Recensão de] VILLARONGA I GARRIGA, L. – *Corpus Nummum Hispaniae ante Augusti Aetatem*. Madrid, José A. Herrero, S. A., 1994. *Vipasca*. 3, pp. 121–124.

FARIA, António Marques de (1995a) – Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Nova série. 16, pp. 323–330.

FARIA, António Marques de (1995b) – Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana. *Vipasca*. 4, pp. 79–88.

FARIA, António Marques de (1996) – Nomes de magistrados em moedas hispânicas: correções e aditamentos. *Conimbriga*. 35, pp. 149–187.

FARIA, António Marques de (1997) – Apontamentos sobre onomástica paleo-hispânica. *Vipasca*. 6, pp. 105–114.

FARIA, António Marques de (1998a) – [Recensão de] QUINTANILLA NIÑO, Alberto – *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, 1998. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:2, pp. 232–240.

FARIA, António Marques de (1998b) – [Recensão de] RICHARDSON, John S. - *The Romans in Spain*. Oxford: Blackwell, 1998. VII + 341 p. (A History of Spain; 2), ISBN 0.631-17706-X. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:2, pp. 257–259.

FARIA, António Marques de (1998c) – [Recensão de] ALFARO, C.; ARÉVALO, A.; CAMPO, M.; CHAVES, F.; DOMÍNGUEZ, A.; RIPOLLÈS, P. P. (1998) – *Historia monetaria de Hispania antigua*. Madrid: Jesús Vico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:2, pp. 241–256.

FARIA, António Marques de (1998d) – [Recensão de] SILGO GAUCHE, Luis – *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, 1994. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:1, pp. 228–234.

FARIA, António Marques de (1998e) – [Recensão de] Javier VELAZA FRÍAS, *Epigrafía y lengua ibéricas* [Cuadernos de Historia; 16], Madrid: Arco Libros, S. L., 1996, 69 pp. *Conimbriga*. 37, pp. 267–271.

FARIA, António Marques de (1999) – Novas notas de onomástica hispânica pré-romana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 2:1, pp. 153–161.

- FARIA, António Marques de (2000a) – Onomástica paleo-hispânica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3:1, pp. 121–151.
- FARIA, António Marques de (2000b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (1). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3:2, pp. 61–66.
- FARIA, António Marques de (2001a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (2). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 4:1, pp. 95–107.
- FARIA, António Marques de (2001b) – [Recensão de] ARÉVALO GONZÁLEZ, A. – *La ciudad de Obulco: sus emisiones monetales*. Sigüenza: Librería Rayuela, 1999. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 4:1, pp. 206–212.
- FARIA, António Marques de (2002a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (3). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5:1, pp. 121–146.
- FARIA, António Marques de (2002b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (4). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5:2, pp. 233–244.
- FARIA, António Marques de (2003a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (5). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6:1, pp. 211–234.
- FARIA, António Marques de (2003b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (6). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6:2, pp. 313–334.
- FARIA, António Marques de (2004a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (7): trezentas e cinquenta observações a Jesús Rodríguez Ramos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7:1, pp. 273–315.
- FARIA, António Marques de (2004b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (8). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7:2, pp. 175–192.
- FARIA, António Marques de (2005a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (10). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8:2, pp. 273–292.
- FARIA, António Marques de (2005b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (9). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8:1, pp. 163–175.
- FARIA, António Marques de (2006) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (11). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 9:1, pp. 115–129.
- FARIA, António Marques de (2007a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (13). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 10:2, pp. 161–187.
- FARIA, António Marques de (2007b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (12). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 10:1, pp. 209–238.
- FARIA, António Marques de (2008a) [2009a] – [Recensão de] DÍAZ ARIÑO, Borja – *Epigrafía latina republicana de Hispania (ELRH)*. Barcelona: Universitat (Col.lecció Instrumenta; 26), 2008. ISBN 978-84-475-3277-3. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11:1, pp. 298–303.
- FARIA, António Marques de (2008b) [2009b] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (14). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11:1, pp. 57–102.

FARIA, António Marques de (2008c) [2009c] – Crónica de onomástica paleo-hispànica (15). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11:1, pp. 145–158.

FARIA, António Marques de (2009) [2010] – Crónica de onomástica paleo-hispànica (16). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 12:2, pp. 157–175.

FARIA, António Marques de (2010) [2011] – Crónica de onomástica paleo-hispànica (17). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 13:1, pp. 89–106.

FARIA, António Marques de (2011) [2012] – Crónica de onomástica paleo-hispànica (18). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 14, pp. 147–186.

FARIA, António Marques de (2012) – Crónica de onomástica paleo-hispànica (19). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 15, pp. 87–112.

FARIA, António Marques de (2013) – Crónica de onomástica paleo-hispànica (20). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 16, pp. 187–213.

FARIA, António Marques de (2014) – Crónica de onomástica paleo-hispànica (21). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 17, pp. 167–192.

FARIA, António Marques de (2015) – Crónica de onomástica paleo-hispànica (22). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 18, pp. 125–146.

FARIA, António Marques de (2016) – Crónica de onomástica paleo-hispànica (23). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 19, pp. 155–174.

FATÁS CABEZA, Guillermo (1980) – *Contrebia Belaisca (Botorrta, Zaragoza) II*. Tabula Contrebiensis. Zaragoza: Universidad.

FERNÁNDEZ-GUERRA Y ORBE, Aureliano (1879) – *Deitania y su catedral episcopal de Begastri*. Madrid: Imprenta de Fortanet.

FERRER I JANÉ, Joan (2008) [2009] – Ibèric **tagiar**. Terrissaires que signen les seves produccions: **biufko**, **ibeitigef**, **biufbedi** i companyia. *Sylloge Epigraphica Barcinonensis*. 6, pp. 81–93.

FERRER I JANÉ, Joan (2012) – La lengua de las leyendas monetales ibéricas. In G. SINNER, Alejandro, ed. – *La moneda de los íberos: Ilturo y los talleres layetanos*. Premià de Mar: Ajuntament, Museu Municipal de l'Estampació, pp. 28–43.

FERRER I JANÉ, Joan (2013) – Los problemas de la hipótesis de la lengua ibérica como lengua vehicular. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 13, pp. 115–158.

FERRER I JANÉ, Joan (2016) – Une inscription rupestre ibère inédite de Ger (Cerdagne) avec la formule «neitin iunstir». *Sources*. 4, pp. 13–28.

FERRER I JANÉ, Joan; ESCRIVÀ TORRES, Vicent (2013) – Quatre noves inscripcions ibèriques pintades procedents de Llúria. *Palaeohispanica*. 13, pp. 461–482.

FERRER I JANÉ, Joan; GARCÉS ESTALLO, Ignasi (2013) – El plom ibèric escrit del Tossal del Mor (Tàrrrega, Urgell). *Urtx*. 27, pp. 102–113.

FERRER I JANÉ, Joan; GARCÍA I RUBERT, David; MORENO MARTÍNEZ, Isabel; TARRA-DELL-FONT, Núria; TURULL I RUBINAT, Albert (2012) – Aportacions al coneixement de la seca ibèrica de **śikafa** i de l'origen del topònim Segarra. *Revista d'Arqueologia de Ponent*. 22, pp. 37–58.

G. SINNER, Alejandro; FERRER I JANÉ, Joan (2016) – Del *oppidum* de Burriac a las termas de Ca l'Arnau. Una aproximación a la lengua y a la identidad de los habitantes de *Ilduro* (Cabrera de Mar, Barcelona). *Archivo Español de Arqueología*. 89, pp. 193–223.

GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (1984) – *Estudio sobre la onomástica indígena de Aquitania*. Bilbao: Universidad del País Vasco.

GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (1995) [1997] – Los Pirineos entre Galia e Hispania: las lenguas. *Veleia*. 12, pp. 181–234.

GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (2009) – Las lenguas de los Pirineos en los tiempos antiguos. In SANTOS YANGUAS, Juan, ed. – *Los tiempos antiguos en los territorios pirenaicos*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, pp. 55–79.

GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (2015) – Sobre una estampilla ibérica de Ruscino (Castell Rosselló, Perpignan). In EZEIZABARRENA SEGUROLA, Maria-José; GÓMEZ LÓPEZ, Ricardo, eds. – *Eridenen du zerzaz kontenta: sailkideen omenaldia Henrike Knörr irakasleari (1947–2008)*. Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 281–288.

GUERRERO URIARTE, Antonio (1993) – Una ceca inédita. *El Eco Filatélico y Numismático*. 1001, pp. 43–44.

HERNÁNDEZ VERA, Juan Antonio; NÚÑEZ MARCÉN, Julio (1989) – Un nuevo antropónimo indígena, sobre cerámica, procedente de Graccurris. *Veleia*. 6, pp. 207–214.

HOYOS, Dexter (2001) – Generals and annalists: geographic and chronological obscurities in the Scipio's campaigns in Spain, 218–211 B.C. *Klio*. 83:1, pp. 68–92.

HÜBNER, Emil (1899) – Nuevas fuentes para la geografía antigua de España. *Boletín de la Real Academia de la Historia*. 34, pp. 465–503.

LEJEUNE, Michel; POUILLOUX, Jean; SOLIER, Yves (1988) – Etrusque et ionien archaïques sur un plomb de Pech Maho (Aude). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. 21, pp. 19–59.

LÓPEZ FERNÁNDEZ, Aránzazu (2010) – El reencuentro de dos grafitos: G.9.5 y «El Olvidado». *Palaeohispanica*. 10, pp. 275–287.

LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio R.; LÓPEZ FERNÁNDEZ, Aránzazu (2016) – La cueva de La Camareta: revisión de epigrafía paleohispánica. *Palaeohispanica*. 16, pp. 247–259.

MARTÍNEZ TORRECILLA, José Manuel; JORDÁN CÓLERA, Carlos (2016) – Una tésera celtibérica y algunas inscripciones sobre *instrumentum* procedentes de Graccurris (Alfaro, La Rioja). *Palaeohispanica*. 16, pp. 261–279.

MATASOVIĆ, Ranko (2009) – *Etymological dictionary of Proto-Celtic*. Leiden: Brill.

MICHELENA ELISSALT, Luis (1957/1995) – Las antiguas consonantes vascas. In CATALÁN MENÉNDEZ PIDAL, Diego, ed. – *Miscelánea de homenaje a André Martinet*. La Laguna: Universidad, 1, pp. 113–157. [The ancient Basque consonants. In HUALDE, José Ignacio;

LAKARRA ANDRINUA, Joseba Andoni; TRASK, Robert Lawrence, eds. – *Towards a history of the Basque language*. Amsterdam-Philadelphia: Johns Benjamins, pp. 101–135].

MÍNGUEZ MORALES, José Antonio; DÍAZ ARIÑO, Borja (2009) – Grafitos sobre cerámica —ibéricos, latinos griegos y signos— procedentes del yacimiento romanorrepblicano de la Cabañeta (El Burgo de Ebro, Zaragoza). *Archivo Español de Arqueología*. 84, pp. 51–86.

MLH II = UNTERMANN, Jürgen (1980) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band II: Die Inschriften in iberischer Schrift aus Südfrankreich*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.

MLH III 1 = UNTERMANN, Jürgen (1990) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 1. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.

MLH III 2 = UNTERMANN, Jürgen (1990) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.

MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2016) – Novecientos antropónimos ibéricos. *Palaeohispanica*. 16, pp. 81–94.

MONCUNILL MARTÍ, Noemí; FERRER I JANÉ, Joan; GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (2016) – Nueva lectura de la inscripción ibérica sobre piedra conservada en el Museo de Cruzy (Hérault). *Veleia*. 33, pp. 259–274.

MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2016); VELAZA FRÍAS, Javier (2016) – *Ibérico: lengua, escritura, epigrafía*. Zaragoza: Universidad.

ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2014) – Vocalismo átono en ibérico y romance. *Liburna*. 7, pp. 69–78.

PÉREZ ROJAS, Manuel (1993) – Las inscripciones con escritura tartésica de la Cueva de La Camareta y su contexto onomástico (aportaciones sobre la “celtización” del mundo ibero-tartésico). In GONZÁLEZ BLANCO, Antonino; GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, Rafael; AMANTE SÁNCHEZ, Manuel, eds. – *La Cueva de La Camareta (Agramón, Hellín-Albacete)*. Murcia: Universidad, pp. 139–266.

PÉREZ VILATELA, Luciano (1992) – Ibérico “egiar” en un epígrafe de Caminreal (Teruel). In *Estudios de arqueología ibérica y romana. Homenaje a Enrique Pla Ballester*. Valencia: Diputación Provincial, pp. 351–360.

PÉREZ VILATELA, Luciano (1993) – Primitiva zona geográfica de aplicación del corónimo «Iberia». *Faventia*. 15, pp. 29–44.

PRÓSPER PÉREZ, Blanca (2005) – Estudios sobre la fonética y la morfología de la lengua celtibérica. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; PRÓSPER PÉREZ, Blanca – *Vascos, Celtas e Indoeuropeos: genes y lenguas*. Salamanca: Universidad, pp. 153–364.

PRÓSPER PÉREZ, Blanca María (2008a) – Los nombres ‘italicos’ de los Astures meridionales. *Conimbriga*. 47, pp. 147–169.

PRÓSPER PÉREZ, Blanca María (2008b) – *El bronce celtibérico de Botorrita I*. Pisa; Roma: Fabrizio Serra.

PRÓSPER PÉREZ, Blanca María (2012–2014) [2016] – El nombre de Kaskata. *Faventia*. 34–35, pp. 215–223.

PRÓSPER PÉREZ, Blanca María (2016) – *The Indo-European names of central Hispania: a study in continental Celtic and Latin word formation*. Innsbruck: Institut für Sprachen und Literaturen der Universität.

QUINTANILLA NIÑO, Alberto (1998) – *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.

SABATÉ VIDAL, Víctor (2016) – Novetats sobre epigrafia ibèrica (2007–2014). *Revista d'Arqueologia de Ponent*. 26, pp. 35–71.

RÉBÉ, Isabelle; DE HOZ BRAVO, Javier; ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2012) – Dos plomos ibéricos de Ruscino (Perpignan, P.-O.). *Palaeohispanica*. 12, pp. 211–251.

SCHUCHARDT, Hugo (1909) – Iberische Personennamen. *Revue Internationale des Etudes Basques*. 3:3, pp. 237–247.

SILGO GAUCHE, Luis (1994) – *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana.

SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2013) – *Los soportes de la epigrafía paleohispánica: inscripciones sobre piedra, bronce y cerámica*. Zaragoza: Universidad; Sevilla: Universidad.

SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2015) – *Tanniber*: un productor de metal de posible origen ibérico. *Pallas*. 97, pp. 181–192.

SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2012–2014) [2016] – Epigrafía ibérica y tradición literaria: algunos ejemplos. *Faventia*. 34–36, pp. 161–176.

SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2016) – Los alfareros de *terra sigillata* hispánica con nombre indígena. *Palaeohispanica*. 16, pp. 95–113.

SOLIER, Yves (1979) – Découverte d'inscriptions sur plombs en écriture ibérique dans un entrepôt de Pech Maho (Sigean). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. 12, pp. 55–123.

UNTERMANN, Jürgen (1995) – Die vorrömischen Namen in Hispanien und Aquitanien. In EICHLER, Ernst; HILTY, Gerold; LÖFFLER, Heinrich; STEGER, Hugo; ZGUSTA, Ladislav, eds. – *Namenforschung. Ein internationales Handbuch zur Onomastik. 1. Teilband*. Berlin; New York, NY: Walter de Gruyter, pp. 738–746.

UNTERMANN, Jürgen (1996) – Onomástica. In BELTRÁN LLORIS, Francisco; DE HOZ BRAVO, Javier; UNTERMANN, Jürgen, eds. – *El tercer bronce de Botorrita*. Zaragoza: Departamento de Educación y Cultura, Diputación General de Aragón, pp. 109–166.

UNTERMANN, Jürgen (1994–1995) [1997] – El tercer bronce de Botorrita y la antroponimia ibérica. *Arse*. 28–29 [número especial dedicado a Domingo Fletcher Valls], pp. 135–145.

VALLEJO RUIZ, José María (2005) – *Antroponimia indígena de la Lusitania romana*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.

VALLEJO RUIZ, José María (2016) – *Onomástica paleohispánica [Recurso electrónico]. I. Antroponimia y teonimia. 1. Testimonios epigráficos latinos, celtibéricos y lusitanos, y referencias literarias*. Bilbao: Universidad del País Vasco.

VELAZA FRÍAS, Javier (1995) – Epigrafía y dominios lingüísticos en territorio de los Vascones. In BELTRÁN LLORIS, Francisco, ed. – *Roma y el nacimiento de la cultura epigráfica en Occi-*

dente: *Actas del Coloquio Roma y las primeras culturas epigráficas del Occidente mediterráneo (siglos II a.E. – I d.E.) (Zaragoza, 4 a 6 de noviembre de 1992)*. Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”, pp. 209–218.

VELAZA FRÍAS, Javier (2003) [2004] – La epigrafía ibérica emporitana: bases para una reconsideración. *Palaeohispanica*. 3, pp. 179–192.

VELAZA FRÍAS, Javier (2012) – El vasco antiguo y las lenguas vecinas según la epigrafía. In IGARTUA UGARTE, Ivan, ed. – *Euskara eta inguruko hizkuntzak historian zehar*. Vitoria-Gasteiz: Eusko Jaurlaritza-Gobierno Vasco, pp. 75–84.

VELAZA FRÍAS, Javier (2016) – *Chronica epigraphica Iberica XIII (2015)*. *Palaeohispanica*. 16, pp. 343–358.

YELO TEMPLADO, Antonio (1977-1978) – Ilorci ¿Una población de la cuenca del Segura? *Anales de la Universidad de Murcia*. 36:1–2, pp. 151–162.

